

**A SUBVERSÃO DAS EXPECTATIVAS SOCIAIS SOBRE O FEMININO:
UMA LEITURA DIALÓGICO-DISCURSIVA DA PERSONAGEM THEREZA,
EM “COISA MAIS LINDA”**

**THE SUBVERSION OF SOCIAL EXPECTATIONS OF THE FEMININE: A
DIALOGIC-DISCURSIVE READING OF THE CHARACTER THEREZA, IN
“COISA MAIS LINDA”**

**LA SUBVERSIÓN DE LAS EXPECTATIVAS SOCIALES SOBRE LO
FEMENINO: UNA LECTURA DIALÓGICO-DISCURSIVA DEL PERSONAJE
THEREZA, EN “COISA MAIS LINDA”**

Jeniffer de Oliveira Barbosa¹
Manassés Morais Xavier²

RESUMO

O artigo propõe uma leitura dialógico-discursiva da personagem Thereza, da série Coisa mais linda (Netflix, 2019), com a finalidade de compreender as vozes sociais que por ela se constituem. Parte-se, portanto, da compreensão de linguagem como espaço de confronto entre vozes sociais, no qual os sentidos se constituem pela interação e pela contraposição de posições ideológicas. Para isso, filiamos-nos à Análise Dialógica do Discurso (Volóchinov, 2017; Bakhtin, 2016; Medvedev, 2012). Ademais, fundamentamos nossa reflexão nas contribuições que problematizam a construção histórica e discursiva das identidades femininas (Butler, 2010; Beauvoir, 1980). Do ponto de vista metodológico, o estudo é de base qualitativa (Paiva, 2019), descritiva (Prodanov e Freitas, 2013), abordagem interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008) e apoia-se na análise de cenas da primeira temporada da série, observando enunciados que evidenciam tensões entre discursos autoritários e respostas responsivas ativas. Os resultados apontam que, sob a ótica dialógica, o dizer da personagem não se reduz à representação de uma condição social, mas atua como prática enunciativa de luta e intervenção da realidade, instaurando novos sentidos e reconfigurando a posição da mulher.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso; série Coisa Mais Linda, Thereza; mulher; resistência.

ABSTRACT

This article proposes a dialogical-discursive reading of the character Thereza, from the series “Coisa mais linda” (Netflix, 2019), with the aim of understanding the social voices that constitute her. It therefore starts from the understanding of language as a space of confrontation between social voices, in which meanings are constituted by the interaction and juxtaposition of ideological positions. To this end, we align ourselves with Dialogical Discourse Analysis (Voloshinov, 2017; Bakhtin, 2016; Medvedev, 2012). Furthermore, we base our reflection on contributions that problematize the historical and discursive construction of female identities (Butler, 2010; Beauvoir, 1980). From a methodological point of view, the study is qualitative

¹ Doutoranda em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, <https://orcid.org/0000-0003-2585-2528>, o.jeniffer@hotmail.com

² Doutor em Linguística, Universidade Federal de Campina Grande, <https://orcid.org/0000-0002-2628-8183>, manassessmxavier@yahoo.com.br

(Paiva, 2019), descriptive (Prodanov and Freitas, 2013), and uses an interpretative approach (Bortoni-Ricardo, 2008). It relies on the analysis of scenes from the first season of the series, observing statements that reveal tensions between authoritarian discourses and active responsive responses. The results indicate that, from a dialogical perspective, the character's speech is not reduced to the representation of a social condition, but acts as an enunciative practice of struggle and intervention in reality, establishing new meanings and reconfiguring the position of women.

Keywords: Dialogic Discourse Analysis; the series "Coisa Mais Linda"; Thereza; woman; resistance.

RESUMEN

Este artículo propone una lectura dialógico-discursiva del personaje Thereza, de la serie “Coisa mais linda” (Netflix, 2019), con el objetivo de comprender las voces sociales que la constituyen. Por lo tanto, parte de la comprensión del lenguaje como un espacio de confrontación entre voces sociales, en el que los significados se constituyen mediante la interacción y la yuxtaposición de posiciones ideológicas. Para ello, nos alineamos con el Análisis Dialógico del Discurso (Voloshinov, 2017; Bakhtin, 2016; Medvedev, 2012). Además, basamos nuestra reflexión en contribuciones que problematizan la construcción histórica y discursiva de las identidades femeninas (Butler, 2010; Beauvoir, 1980). Desde un punto de vista metodológico, el estudio es cualitativo (Paiva, 2019), descriptivo (Prodanov y Freitas, 2013) y utiliza un enfoque interpretativo (Bortoni-Ricardo, 2008). Se basa en el análisis de escenas de la primera temporada de la serie, observando declaraciones que revelan tensiones entre discursos autoritarios y respuestas activas. Los resultados indican que, desde una perspectiva dialógica, el discurso del personaje no se reduce a la representación de una condición social, sino que actúa como una práctica enunciativa de lucha e intervención en la realidad, estableciendo nuevos significados y reconfigurando la posición de las mujeres.

Palabras clave: Análisis del discurso dialógico; la serie “Coisa Mais linda”, Thereza; mujer; resistencia.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca da mulher nas produções midiáticas têm despertado uma esfera profícua para vislumbrar e questionar discursos que perpassam questões sobre gênero. Seja no cinema, na literatura ou, mais recentemente, nas séries difundidas por serviços de *streaming*, esses espaços funcionam como potentes âmbitos de enunciação e circulação de valores sociais, históricos e culturais. Face a esse cenário, observamos a proeminência de tensões dialógicas entre permanências e rupturas no que tange as trajetórias femininas, considerado os distintos momentos históricos, revelando, assim, os conflitos ideológicos que ora sustenta, ora refuta o patriarcado estrutural.

Exemplo do que foi pontuado no anteposto pode ser visualizado a partir da série Coisa Mais Linda (2019), criada por Heather Roth e Giuliano Cedroni. Exibida pela plataforma de *streaming* Netflix, a narrativa serializada é ambientada no final dos anos 50, período marcado por avanços incipientes e contraditórios em relação aos direitos das mulheres. Tal narrativa detém como foco quatro protagonistas que, a partir de vivências

distintas, rebelam-se ante às restrições impostas por uma sociedade conservadora. Dentre elas, destacamos Thereza, personagem cuja trajetória é marcada tanto pelo investimento no trabalho, quanto pelas opressões das normas de gênero que insistem em confiná-la aos papéis pré-estabelecidos no que concerne ao feminino.

Diante desse horizonte, este trabalho propõe uma leitura dialógico-discursiva da personagem Thereza, da série *Coisa mais linda* (Netflix, 2019), com a finalidade de compreender as vozes sociais que por ela se constituem. Para tanto, o estudo debruça-se na análise de cenas da primeira temporada da série, com atenção aos enunciados que revelam conflitos entre discursos autoritários e os discursos responsivos ativos da personagem em questão.

Esse objetivo se estabelece por lermos em Thereza a configuração de um espaço discursivo atravessado por forças em embate: de um lado, vozes normativas que tentam limitar sua autonomia. De outro, enunciados resistentes que instauram tensões discursivas diante da ordem patriarcal. Esse conflito revela, pois, a natureza dialógica do discurso, dado que diferentes posições ideológicas se confrontam e disputam sentidos, projetando na personagem a materialização das vozes sociais em conflito histórico-social.

Em consonância com a perspectiva sobreposta, a relevância deste estudo justifica-se pela compreensão de que a leitura dialógico-discursiva da personagem Thereza evidencia os modos pelos quais o discurso feminino manifesta, tensiona e questiona estruturas historicamente opressoras. Ademais, ao vociferar as (im)possibilidades da mulher em um contexto marcado por permanências e transgressões, o trabalho contribui para a problematização da construção social do sujeito feminino, ainda atravessada por ideários normativos do patriarcado no contexto atual. Nessa direção, acreditamos que o artigo se configura como um meio de intervenção, se inscrevendo como um chamado à ação em favor da construção de um cenário social mais justo e igualitário para a mulher.

Desta feita, para o empreendimento deste estudo, adotamos a Análise Dialógica do Discurso enquanto perspectiva teórico-filosófica, entendendo que a análise se ancora nos pressupostos do Círculo de Bakhtin e não em procedimentos metodológicos pré-estabelecidos (Volóchinov, 2017; Bakhtin, 2016; Medvedev, 2012). Também, fundamentamos nossa reflexão nas contribuições que problematizam a construção histórica e discursiva das identidades femininas (Butler, 2022; Beauvoir, 1980). Do

ponto de vista metodológico, a pesquisa é de base qualitativa (Paiva, 2019), descritiva (Prodanov e Freitas, 2013) e abordagem interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008).

À luz dessas considerações, a estrutura do artigo organiza-se da seguinte forma: inicialmente, apresentamos o aporte teórico que orienta a investigação, com destaque para a Análise Dialógica do Discurso e as contribuições dos estudos de gênero. Na sequência, explicitamos os caminhos metodológicos adotados. Por fim, analisamos as cenas selecionadas, enfatizando como discursos de dominação e de resistência se entrelaçam na constituição da personagem Thereza.

A NATUREZA ENUNCIATIVA DA LINGUAGEM

A Análise Dialógica do Discurso, viabilizada pelo Círculo de Bakhtin, representa um avanço significativo para os estudos linguísticos, ao deslocar o foco da linguagem de uma concepção abstrata e formal para sua dimensão social, histórica e interativa. Ao compreender a linguagem como prática situada e orientada para o outro, a abordagem bakhtiniana rompe com visões como a do *objetivismo abstrato*, tendo como expoente Saussure, a qual concebia o fenômeno linguístico como um sistema normativo, estático e impessoal, desconsiderando os sujeitos que utilizam a linguagem. Bem como se distancia de concepções como a do *subjetivismo idealista*, representada por Humboldt, que compreendia o fenômeno linguístico como uma atividade individual, ancorada no psiquismo do sujeito, fazendo sobressair o ato de fala como seu princípio fundamental.

Sob a égide da concepção da Análise Dialógica do Discurso, a linguagem não se limita à estrutura, nem à manifestação puramente individual. Volóchinov (2017, p. 218) nos esclarece que:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados.

Assim, nesse enquadramento teórico, o enunciado passa a ocupar lugar central, sendo concebido como acontecimento singular da comunicação, permeado por intenções, avaliações e pela presença das vozes sociais que o constituem. Por esse viés, como elo de uma cadeia ininterrupta, cada enunciado não apenas retoma outros dizeres, mas também os responde e os projeta em novas direções a partir de um ponto de vista.

Embebido por essa perspectiva, Bakhtin (2016) afirma que todo enunciado é “pleno de ecos e ressonâncias”, indicando que o dizer só existe na relação com o já-dito e com o já-ouvido. Ademais, todo enunciado “ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em dado assunto.” (*ibid*, p. 57)

Nesse percurso, torna-se evidente que o enunciado é dialógico e responsivo: ele se constitui na medida em que responde, avalia e se posiciona diante de outros discursos. Por assim o ser, cada ato de enunciação é socialmente ancorado, ideologicamente marcado e historicamente situado. Volóchinov (2019) coaduna com esse entendimento ao defender que a língua não é um sistema morto ou estático, mas um fenômeno em movimento contínuo, em que cada palavra expressa um juízo de valor e revela a posição do falante no tecido social.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2003, p. 153) alega que

[...] desde a curta réplica do diálogo familiar até as grandes obras verbal-ideológicas (literárias, científicas e outras) existe, numa forma aberta ou velada, uma parte considerável de palavras significativas de outrem, transmitidas por um ou outro processo. No campo de quase todo enunciado ocorre uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de esclarecimento dialógico mútuo [...].

Na esteira desse raciocínio, compreender o enunciado implica reconhecer que a palavra constitui sempre um território de disputa. O encontro entre vozes não se reduz a simples coexistência de perspectivas, ele evidencia, sobretudo, o caráter, dialógico e ideológico da linguagem, o qual se realiza na tensão, na confrontação e na negociação contínua dos sentidos. No âmago dessa compreensão que se confirma a afirmação do Círculo de que entre a palavra própria e a palavra alheia instaura-se uma “interação tensa e um conflito”, em que cada dizer busca delimitar-se, alinhar-se ou contrapor-se ao discurso de outrem.

Desse modo, compreender o enunciado é compreender que o dizer instaura, legitima ou desestabiliza sentidos, isso porque a palavra circula como prática social e, ao fazê-lo, traz à cena relações de poder, produz resistências e configura posições ideológicas. Nesse sentido, compreendemos que esse arcabouço teórico é especialmente produtivo para análises que investiguem trajetórias de mulheres como Thereza, haja vista que sua construção se constitui em horizonte dialógico no qual discursos se entrecruzam, evidenciando, assim, estratégias de emancipação que se afirmam

justamente no embate entre normatividade e contestação, revelando a constituição emancipatória da personagem.

A (DES)CONSTRUÇÃO SOCIAL SOBRE O “SER” MULHER

O estudo acerca das identidades femininas ao longo do tempo demanda uma abordagem que considere, simultaneamente, aspectos sociais, culturais e discursivos no que tangem as concepções sobre as mulheres. Nesse panorama, compreender o gênero significa apartar-se de explicações pautadas, restritivamente, no corpo ou no sexo biológico, ancorando-se no reconhecimento de que “ser mulher” é resultado de processos históricos e de práticas ideológicas que configuram modos específicos de existir no mundo. Trata-se, portanto, de um lugar construído por normas sociais, expectativas coletivas e relações de poder que definem tanto as possibilidades, quanto os limites atribuídos ao feminino.

No que concerne a problematização precedente, Simone de Beauvoir (1980) é referência basilar ao defender que a condição feminina não é natural, mas constituída. Sua célebre percepção alicerçada na ideia de que ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher, vem evidenciar que os papéis tradicionalmente reservados ao feminino foram historicamente formulados por sociedades que definem quais comportamentos, funções e desejos lhes são permitidos. Sob esse enfoque, tarefas como as de esposa, mãe ou dona de casa não emergem de uma essência inata feminina, mas, sim, se constituem enquanto dispositivos sociais que enquadram e restringem trajetórias individuais, mantendo relações assimétricas entre homens e mulheres no contexto social.

Na esteira desse raciocínio, Judith Butler (2010) aprofunda o debate ao conceber o gênero como uma prática performativa. Na perspectiva da referida autora, é na repetição cotidiana de atos, regulado por convenções rígidas, que emerge a aparência de “naturalidade”. Em outros termos, o que Butler (2010) denota é que a identidade se estabelece na persistência de comportamentos que, ao serem continuamente reproduzidos, se consolidam como se fossem naturais. Sendo assim, sob a ótica desse entendimento as normas de gênero são estabilizadas porque são, incessantemente, repetidas e reforçadas, preservando as delimitações sociais na existência das mulheres.

Face as proposições sobrepostas, compreende-se que as identidades femininas são construções erigidas por processos histórico-culturais que frequentemente intervêm no controle, na regulação e na limitação da subjetividade feminina. No entanto, é

igualmente importante reconhecer que surgem estratégias de enfrentamento e rupturas. Dessa maneira, ao tensionarem as normas concernentes à supremacia masculina e reconfigurarem suas posições na sociedade, as mulheres viabilizam outros modos de vivenciar e de se situar no mundo. Assim, ainda que o gênero seja moldado por repetições normativas, ele também é passível de disputa a partir de atos que desafiam sua naturalização.

Logo, é nesse campo de forças que emergem figuras como a personagem Thereza, da série *Coisa Mais Linda*, cuja trajetória evidencia esses movimentos de resistência. Sua história demonstra como, mesmo socioculturalmente condicionadas, as mulheres criam espaços para reinventar suas existências e produzir novas formas de (re)existência feminina.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa (Paiva, 2019), de base descritiva (Prodanov; Freitas, 2013) e abordagem interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008), uma vez que busca compreender os sentidos construídos discursivamente na constituição de uma personagem em narrativa serializada, considerando os contextos histórico-sociais que atravessam a sua representação.

O corpus selecionado para análise provém da série brasileira *Coisa Mais Linda* (2019–2020), dirigida por Heather Roth e Giuliano Cedroni e disponibilizada pela plataforma de streaming Netflix:

Figura 1: Catálogo Netflix – *Coisa Mais Linda*



Fonte: Netflix (2025)

Dividida em duas temporadas, a narrativa tem como cenário o Rio de Janeiro do final da década de 1950 e acompanha quatro protagonistas, a saber: Adélia, Malu, Lúgia e Thereza. Tratam-se de mulheres de origens sociais e familiares distintas que se aproximam em torno de um propósito comum: afirmar sua emancipação diante das estruturas patriarcais que restringem seus sonhos e projetos de vida.

Cada uma dessas personagens traz para o enredo marcas próprias de sua condição social, de sua posição no espaço histórico e das tensões ideológicas que as atravessam. No entanto, este estudo volta-se especificamente para Thereza, mulher branca, classe alta, casada com Nelson. Jornalista formada e experiente, a personagem em destaque trabalha como redatora na revista *Ângela*. Ela é reconhecida por sua postura segura e determinação, participando ativamente da elaboração de matérias e da organização editorial.

As análises, portanto, se concentram em cenas da primeira temporada em que a personagem manifesta tanto sua responsividade, quanto os enfrentamentos que vivencia diante do regime patriarcal. Nessas passagens, investigam-se os discursos que a circundam, bem como os gestos de resistência que tensionam as forças de silenciamento e evidenciam o caráter dialógico de sua constituição.

DA PALAVRA IMPOSTA À PALAVRA PRÓPRIA: THEREZA E A DISPUTA DE SENTIDOS

A personagem Thereza, da série “Coisa Mais Linda”, é construída enquanto sujeito atravessado por múltiplas vozes sociais que traz à cena o contexto histórico-cultural da sociedade brasileira dos anos 1950 e 1960. Inserida em um cronotopo³ marcado pelos discursos conservadores e pelas normas sociais repressoras em relação a função sociocultural atribuída à mulher, a personagem em questão vivencia processos discursivos que a colocam em situação de subalternidade, silenciamento e cerceamento de sua voz.

¹ Conceito desenvolvido por Bakhtin, o qual defende que as categorias de tempo e espaço, no âmbito da narrativa, constituem uma unidade indissociável. Essa articulação organiza a configuração dos eventos, a representação do contexto histórico-social e a (des)constituição valorativa das personagens.

O subjugamento da autonomia das figuras femininas, aqui enfatizado a partir da personagem Thereza, é reiterado ao longo de toda a narrativa serializada, ora de maneira mais sutil, ora em dimensões mais contundentes, perpassando as esferas domésticas, sociais e laborais. Esse aspecto coercitivo manifesta-se, de forma exemplar, nas cenas retratadas em seguida:

Cena 1: Thereza é confrontada pelo chefe



Fonte: Netflix (2019-2020)

No episódio 2, intitulado Garotas não são bem-vindas, Thereza constrói uma argumentação ao instaurar uma tentativa de diálogo com Paulo Sérgio, seu superior hierárquico no trabalho, cuja transcrição se apresenta a seguir:

Paulo Sérgio: Por favor, Thereza. Não é tão difícil assim. Não precisa ser nenhum gênio para escrever como mulher.

Thereza: Estou te falando, Paulo Sérgio. Entrevistei mais de oito rapazes, e nenhum deles tem a intimidade com o mundo das mulheres.

Paulo Sérgio: Não existe essa história de “mundo das mulheres”, não. Não sei onde você tirou isso. Só existe um mundo.

Thereza: E definitivamente ele não é nosso. Agora me diz: por que a gente precisa de mais um homem nessa redação?

Paulo Sérgio: Simples: biologia. Homem é mais focado, mais profissional, menos emotivo. Se você fosse homem por

exemplo, a gente não estaria nem tendo esse tipo de conversa. A gente sabe cumprir regras.

Thereza: Claro, as regras foram inventadas por vocês, né?

A conversa supracitada entre Thereza e Paulo Sérgio manifesta mais que uma discussão sobre contratação. Revela, sobretudo, um embate valorativo que desnuda um conflito estrutural sobre a legitimação do feminino no espaço público e profissional. Em seu enunciado, Paulo Sérgio emprega no fio discursivo a rejeição da existência social, ao passo em que atua com um discurso de poder que, incisivamente, nega a voz e a experiência de Thereza, tanto quanto profissional, quanto mulher.

Ao afirmar que "Não existe essa história de 'mundo das mulheres', não. Não sei onde você tirou isso. Só existe um mundo", lemos no enunciado de Paulo Sérgio a imposição de uma única perspectiva (leia-se masculina e hegemônica) como verdade universal. Essa postura se alinha à crítica de Beauvoir (1980), que define o homem como o sujeito/absoluto, que universaliza sua experiência e relega a mulher à posição de outro e inessencial. Para Paulo Sérgio, o "mundo" já está definido pelo masculino, e qualquer experiência divergente (o "mundo das mulheres") deve ser rejeitada.

Diante do posicionamento, Thereza contesta a voz dominante de seu chefe a partir de um contradiscurso que põe em cena a sua responsividade, ao refutá-lo incisivamente: "que definitivamente não é o nosso". Ao enunciar-se opondo-se perante a ideia de um mundo unificado, sustentado pelo personagem masculino, Thereza manifesta sua responsividade, acentuando a sua autonomia e singularidade enquanto sujeito, situando-a em uma posição de resistência frente à subalternidade estrutural. Em seu dito reluz, portanto, as dissidências sociais no que tange os direitos e deveres atribuídos a mulheres.

Percebe-se, no diálogo, que a tentativa de legitimação do posicionamento adotado por Paulo Sérgio é ancorada na ideologia de superioridade biológica. Ao justificar a contratação masculina pela "biologia", ao passo em que alega que "homem é mais focado, mais profissional, menos emotivo", o personagem mobiliza valorações cristalizadas historicamente ao masculino, como o foco, o profissionalismo e a racionalidade.

No mais, embebidos pela teoria do Círculo de Bakhtin, podemos aferir que todo discurso revela o seu direito e o seu avesso. Nesse sentido, ao enunciar os dizeres supramencionados, o discurso de Paulo Sérgio manifesta, ao mesmo tempo, a

associação valorativa também estratificada socialmente sobre a mulher enquanto sujeito irracional, emotivo, incapaz de assumir outras funções se não àquelas a elas atribuídas: as do lar. Desse modo, a partir da perspectiva de Butler (2018), Paulo Sérgio está evocando o gênero performativo idealizado: um sujeito profissional é, por definição, aquele que reproduz o paradigma de racionalidade e controle emocional imposto pelas normas de gênero masculinas. E só, somente a eles, cabem esse papel.

A continuidade do diálogo aprofunda a ideologia patriarcal de Paulo Sérgio. Ao alegar para Thereza que “se você fosse homem, por exemplo, não estaríamos tendo essa conversa agora”, ele desvela a estrutura de poder que tende a silenciar a voz feminina. Tal enunciação opera com um discurso hegemônico, isso porque o personagem não está apenas expressando sua perspectiva, mas, sobretudo, busca encerrar o diálogo com Thereza, definindo a própria conversa como uma anormalidade causada pela identidade feminina. Nesse interim, lemos um discurso autoritário que invalida a palavra feminina e busca restaurar a monologia do poder masculino, dado que, em uma sociedade patriarcal, não há lugar para o questionamento das regras.

O chefe arremata sua construção argumentativa com “a gente sabe cumprir regras”. Prontamente, Thereza enuncia: “claro, as regras foram inventadas por vocês, né?”. A fala da personagem se estabelece como uma carga valorativa exponencial que critica o regime estrutural androcêntrico. Sob a ótica bakhtiniana, os enunciados em análise configuram uma relação dialógica discrepante, em que as vozes de Paulo Sérgio e Thereza entram em tensão, evidenciando a multiplicidade de sentidos e experiências dentro do mesmo cronotopo. Tal pressuposto recupera o princípio encontrado em Volóchinov (2018) de que “[...] cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória.”.

Por assim o ser, Thereza tensiona o discurso do chefe ao expor que a “capacidade de cumprir regras” por ele mencionada não é inata, biológica, mas sim uma conformidade com o sistema que os próprios homens criaram. Em outros termos, as regras nada mais são do que a materialização da vontade e do poder masculino, as quais garantem a permanência da hierarquia de gênero. Desse modo, a voz de Thereza, carregada de valoração, confronta a ideologia monológica que sustenta os papéis de gênero, lutando pela abertura do espaço de trabalho e pela legitimidade do enunciado feminino.

Diante do panorama aqui apresentado, compreendemos que o diálogo entre enunciados concretos se configura enquanto um espaço de (as)simetrias, uma arena

eminentemente interativa entre uma consciência individual e outra. Isso implica dizer que as relações dialógicas podem ser contratuais ou polêmicas, podem aderir ou refutar o discurso alheio. Sob essa ótica, os enunciados em análise podem ser lidos enquanto ringue de lutas e disputas discursivas.

Cena 2: Thereza publica texto de Helô



Fonte: Netflix (2019-2020)

Como lido na análise da cena anterior, Thereza se insere em um ambiente que evidencia o caráter opressor do discurso patriarcal. A personagem atua em um espaço predominantemente masculino, o que intensifica as práticas discursivas de controle e silenciamento, negando-lhe autonomia e protagonismo. Esses discursos hegemônicos refletem o que Bakhtin (2014) denomina de palavra autoritária: um discurso monológico, não dialógico, que exige obediência e submissão.

Não obstante, observamos igualmente que, sob a ótica dialógica dos estudos do Círculo de Bakhtin, a personagem não se apresenta de forma passiva. Ao contrário, Thereza constitui-se como sujeito responsivo, valorativo, tensionando os discursos que tendem cerceá-la e buscando, na linguagem e na escrita, espaços de resistência e (re)significação do papel feminino na sociedade, como é o caso expresso na Cena 2.

A segunda cena é resultante da sequência narrativa brevemente contextualizada: Thereza apresenta a Paulo Sérgio dois candidatos à seleção para a vaga em aberto, sendo um homem e uma mulher. Ao submetê-los à apreciação de seu chefe, a personagem

utiliza, habilmente, estratégias argumentativas ao salientar que a contratação da candidata feminina representaria um custo significativamente menor, fato que reduziria gastos na empresa.

Em resposta às investidas de Thereza, Paulo Sérgio ironiza a situação ao afirmar que “não fará mal ter mais um rabo de saia para decorar o ambiente”, revelando, de forma explícita, a objetificação feminina e a depreciação de seu trabalho. Por outro lado, apesar da misoginia expressa, a manobra de Thereza alcança seu efeito: a contratação de mais uma mulher é concretizada, simbolizando uma pequena, mas significativa, vitória frente às estruturas de gênero presentes em seu ambiente profissional.

Assim sendo, unida a Thereza em um ambiente predominantemente masculino, Helô é contratada como redatora da revista. Nesse contexto, a cena retratada (vide Cena 2) evidencia a apresentação do primeiro texto para publicação, produzido pela recém-chegada, e submetido à apreciação de Thereza:

Thereza: “Quanto de você se perdeu todas as vezes que você teve que se comportar como uma dama? Esse é meu conselho, seja você, completamente você. Não deixe que ninguém a defina por suas roupas, seus brincos, seu perfume, seu tom de voz ou seus dotes culinários. Você é mais do que isso. Se não houver um segundo encontro, talvez a sorte seja sua. No fim das contas casamento não é uma recompensa pelo seu bom comportamento. Mesmo que a sua mãe tenha te ensinado isso.”. É... meio radical, né?... EXATAMENTE isso que a gente precisava. Tá aprovado!

Helô: Que bom que você gostou.

O diálogo entre Thereza e Helô, permeado pela submissão do texto desta para a publicação, é um momento crucial que demarca passos da ruptura hegemônica no interior do trabalho, quando lido em pequena escala, bem como, em larga escala, apregoa um enunciado socialmente transgressor, a partir da difusão desse conteúdo no meio social. Na esteira desse raciocínio, consideramos que a cena não é apenas sobre a aprovação de um texto, mas sobre a legitimação de um novo enunciado e uma nova valoração do que significa ser mulher no cronotopo dos anos 60.

O texto produzido por Helô opera como um enunciado que visa à desestabilização performativa do gênero feminino. Alinhado ao pensamento de Butler (2018), a retórica de Helô questiona a conduta à “dama”, denunciando a perda do sujeito

autêntico em detrimento da normatividade ("quanto de você se perdeu todas as vezes que você teve que se comportar como uma dama?"). Sob essa ótica, o "comportar-se como uma dama" é o ato repetitivo e ritualizado que constitui a performatividade normativa, esvaziando o indivíduo em prol da forma social.

No mais, compreendemos que a crítica se aprofunda ao desvincular o valor da mulher de elementos a elas fortemente requeridos, como a vaidade (roupas, brincos, perfume) e comportamentos demandados (tom de voz, dotes culinários). No endossar dessa leitura crítica, visualizamos a contestação à instituição do casamento: "casamento não é uma recompensa pelo seu bom comportamento". Essa afirmação coaduna com a problematização apresentada por Beauvoir (1980), a qual questiona a definição da feminilidade pelo destino matrimonial e pela subordinação. Acrescido a isso, no discurso em foco, ao citar a mãe como transmissora dessa regra, evidenciamos o caráter dialógico da ideologia, que se perpetua através de enunciados cristalizados e historicamente situados.

Seguidamente, Thereza simula uma internalização da normatividade ao enunciar "É... meio radical, né?", funcionando, na cena, como um reconhecimento irônico da valoração social de risco associada ao texto, dado o seu caráter de subversão. Seguidamente, a simulação é enjeitada, e a enunciação de aprovação é dada com entusiasmo: "EXATAMENTE isso que a gente precisava. Tá aprovado!". Esse ato culmina na aceitação e apoio do enunciado de resistência. A aprovação não é apenas nos limítrofes editoriais. Como dito anteriormente, o discurso se expande ao social, ao histórico, conferindo a concessão de legitimidade a um enunciado que, até então, seria considerado ilegível ou inapropriado para a esfera pública, forçando, assim, a revista a integrar uma voz ideológica que contradiz sua fundação patriarcal, culminando no êxito na inserção do enunciado de resistência.

Sob essa amostragem, vislumbramos que, ao longo da trama, Thereza passa a movimentar-se no sentido da "palavra interna", um conceito bakhtiniano que designa o processo pelo qual o sujeito se apropria das vozes sociais, ressignifica-as e reelabora sua própria voz. O espaço laboral torna-se um espaço privilegiado de enunciação, em que a personagem valida, para si e para as demais mulheres, desejos, dores e resistências, desvencilhando-se das imposições discursivas que as circunscrevem.

Nesse panorama, cabe destacar que esse movimento de resistência não se dá de modo individualizado, mas se fortalece na relação dialógica e com outras personagens femininas da série, como foi na relação com Helô. O encontro com outras mulheres

criou na construção de Thereza um espaço de alteridade, escuta e solidariedade que potencializa o empoderamento discursivo da personagem. Nesses termos, como aponta a Análise Dialógica do Discurso, é no encontro com o outro que o sujeito se constitui e se transforma, sendo a linguagem o meio fundamental dessa construção identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Thereza, personagem da série Coisa Mais Linda, institui-se a partir do confronto ante as normas e expectativas impostas pelo patriarcado no que tange o papel da mulher na sociedade. Logo, promovendo uma transgressão e reconfiguração das relações de poder, ao passo em que põe em evidência que o gênero não é apenas uma característica biológica, mas uma construção social, histórica, ideológica, que organiza comportamentos, papéis e oportunidades.

Desse modo, as análises aqui realizadas permitiram-nos observar como Thereza, por meio de sua atuação e de suas intervenções discursivas, mobiliza contradiscursos que tensionam a voz masculina hegemônica, evidenciando a valoração das identidades femininas. Assim sendo, a partir das análises dialógicas aqui empreendidas, compreendemos que cada enunciação da personagem não apenas responde às normas sociais, mas também participa da construção de novas formas de autonomia feminina, demonstrando que a resistência ao patriarcado se efetiva na interação entre vozes e na contestação das estruturas de poder.

Portanto ressaltamos que a análise da trajetória de Thereza permite reconhecer como a série articula dimensões que evidenciam os mecanismos pelos quais normas patriarcais são naturalizadas e, ao mesmo tempo, contestadas. Ao revelar as tensões entre poder e gênero, Coisa Mais Linda mostra que a construção da identidade feminina se dá por meio de práticas discursivas e resistência cotidiana, tornando visíveis as complexidades do processo de afirmação das mulheres em contextos historicamente desiguais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. Tradução de Autora Bernardini e outros. São Paulo: Ed. da UNESP, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Fatos e Mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola. 2008.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. **Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnica da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019.

Submetido em: 25/11/2025

Aceito em: 19/12/2025